

tante nasce-lhe da communiidade de esforços que faz, junctamente com a Europa, na estrada da civilisação. Renunciou esta aos seus velhos pergaminhos humanitarios: esqueceu-se dos seus tres mil annos de trabalhos: fraternizou com a sua irmã mais nova, a America. Não está mal a esta certamente concorrer placidamente com ella para o melhoramento da humanidade, e remover todas as expressões, que possam tornar-se germen de separação, insinuando interesses diversos onde só um existe, grande e sagrado, — adiantamento do espirito humano — progressos materiaes.

A FEITICEIRA.*

No anno de 1820, existia, nos suburbios d'esta *Villa de S. Roque*, uma mulher já edosa, de nome *Escholastica Mendes*, alcunhada Cará-Mendes.

Solitaria e mysteriosa era a vida d'essa mulher, que habitava um cazebre de miseravel perspectiva, e que tinha a reputação de ser grande feiticeira, pelo que era temida por uns, e por outros procurada.

Alta noite, vultos rebuçados, e disfar-

* Em quanto durar esta publicação, continuaremos a franquear suas columnas a todos os talentos desconhecidos, e ufanar-nos-hemos de haver contribuido para revelar a existencia de alguns dos innumeraveis genios, que por toda a extensão d'esta abençoada terra ahi jazem obscuros. Por ser contra o nosso programma, não emittimos opinião sobre a producção que vai ler-se, mas trahiremos a modestia do seu auctor, que pertendia conservar o incognito, e que pela vez primeira se-aventura aos tempestuosos mares da imprensa: próspera viagem e feliz porto lhe-augurâmos. O auctor é o sr. Antonio Joaquim da Rosa, da villa de S. Roque, na provincia de S. Paulo.

Estas tradições locaes são sempre de tanto interesse, que muito folgaremos no-las transmittam, de qualquer ponto do imperio, sobretudo quando vierem tão poeticamente circumstanciadas como a presente.

çados em rigoroso incognito, penetravam n'essa espelunca mysteriosa para consultar a grande alchymista, cuja mão poderosa operava prodigios estupendos, prescrevia leis ao destino, e fazia curvar vontades de ferro ao mais leve aceno de seu irresistivel poder. Era um amante infeliz, que ia pedir um phyltro magico, para abrandar os rigores de sua amada, e fazêl'-a accessivel ao seu amor. Era uma bella que se-apresentava em melancholico desalinho, por ter sido abandonada do joven que amava, e que vinha pedir o liquor miraculoso que o-fizesse voltar aos bellos dias de felicidade e de amor. Era o malvado, cujo coração sedento de vingança vinha implorar um especifico de morte, ou de soffrimento, mais ou menos longo, mais ou menos intenso, contra aquelle, a quem tributava a mais vil das paixões — o ódio.

Seja como for, a crença popular se-estribava na evidencia dos factos, porque, pouco depois do conjuro da velha, a moça, que desdenhava os agrados e desvelos do extremoso amante, outorgava-lhe as venturas celestes do amor; o amante transviado voltava aos pés da belleza que abandonára para queimar os perfumes de um novo amor; e a vingança do scelerado era saciada, no gráu que prescripto fôra pela velha solitaria.

Na época em que começámos esta narração, ouviam-se em uma noite tres pancadas cautellosas e timidas, dadas na portinha d'essa espelunca mysteriosa.

— Quem ousa, a deshoras, perturbar o silencio d'esta casa? — perguntaram de dentro.

— Uma desgraçada, que vem supplicar a vossa protecção, — respondeu uma voz de mulher, que tiritava de susto.

— Uma desgraçada! — repetiu a velha

abrindo a porta. — Entrae, e sêde bem vinda!

Depois de a-fazer sentar-se:

— Que me-quereis, minha filha? — perguntou a feiticeira, cravando na pobre moça olhos scintillantes e perscrutadores.

— Deixae acalmar um pouco a minha agitação: n'este momento posso apenas respirar.

— Tranquillisae-vos, e falae quando vos parecer.

A pequena sala, em que se-achavam as duas interlocutoras, estava dominada por uma escuridão, apenas interrompida por algumas chammas, que, de quando em quando, crepitavam de um fogão meio amortecido, collocado em uma extremidade da saleta, e que tingiam as paredes denegridas pela fumaça de avermelhada côr, como se fôsem listões de sangue; mas quando as trevas eram completas, os olhos da feiticeira chammejavam como duas crateras de fogo.

Supersticioso terror invadiu os sentidos da moça, e ella teve medo.

A velha o-presentiu.

— Estais aqui debaixo do meo tecto, e da minha protecção: nada póde portanto acontecer-vos — disse ella com voz insinuante e persuasiva.

A moça tranquillizou-se.

— Minha boa mãe — disse esta, depois de breve silencio — sou bem desgraçada!

— Já o-sei, minha filha.

— Como! Já sabeis que sou infeliz?

— E que há n'isso que vos-admire? Ainda que vós mesma não m'o-tivesseis dicto, já eu o-sabía, porque nada existe sôbre a terra que me-seja desconhecido.

— Será possível? — interrogou a moça com incredulidade,

— Eu vou provar-vo-lo. Nunca me-vis-tes, nunca nos-incontrámos?

-- Nunca.

— A ninguem haveis narrado a história da vossa vida?

— A ninguem.

— Pois escutae-a! Nascestes nas margens do Parahybuna, onde recebestes o nome de *Anaclea Gonçalves*. Aos 18 annos fugistes com um moço, que mataram em Jundiaby, por vossa causa.....

A moça estremeceu.

— D'allí viestes para esta terra, onde tomastes o nome de *Gabriella da Silva*. Pouco depois de vossa chegada contrahistes relações íntimas com certo moço, a quem magnetisastes com vossos incantos.

O vosso amante, desejoso de offerecer-vos riquezas eguaes ao seo amôr, accompanhou uma expedição commandada pelo Alferes João de Deus, que foi em demanda da célebre — *Botucavarú* — que é uma montanha incantada, mais rica de diamantes e metaes preciosos do que o mesmo Potosí. Infelizmente os expedicionarios não poderam chegar a esse morro incantado, onde dizem que há lages de ouro, que pesam cem arrobas; e depois de largas privações tiveram de voltar para seos lares. Durante tão longa ausencia, sem dúvida para vos-distrahirdes das saudades do amante, não lhe-guardastes escrupulosamente a fidelidade, que lhe-havieis promettido; e a sua vinda *suspirada* e inesperada causou-vos serios receios; mas tivestes bastante arte para persuadi-lo, de que era elle o auctor de certa doença, que vos-ia arredondando a delicada cintura. Desgraçadamente decorreram nove mezes contados desde a partida do moço, e ainda não tinha vindo á luz o fructo, cuja paternidade lhe-attribueis. Fez elle segunda viagem, na qual,

abrindo a porta. — Entrae, e sêde bem vinda!

Depois de a-fazer sentar-se:

— Que me-quereis, minha filha? — perguntou a feiticeira, cravando na pobre moça olhos scintillantes e perscrutadores.

— Deixae acalmar um pouco a minha agitação: n'este momento posso apenas respirar.

— Tranquillisae-vos, e falae quando vos parecer.

A pequena sala, em que se-achavam as duas interlocutoras, estava dominada por uma escuridão, apenas interrompida por algumas chammas, que, de quando em quando, crepitavam de um fogão meio amortecido, collocado em uma extremidade da saleta, e que tingiam as paredes denegridas pela fumaça de avermelhada côr, como se fôsem listões de sangue; mas quando as trevas eram completas, os olhos da feiticeira chammejavam como duas crateras de fogo.

Supersticioso terror invadiu os sentidos da moça, e ella teve medo.

A velha o-presentiu.

— Estais aqui debaixo do meo tecto, e da minha protecção: nada póde portanto acontecer-vos — disse ella com voz insinuante e persuasiva.

A moça tranquillizou-se.

— Minha boa mãe — disse esta, depois de breve silencio — sou bem desgraçada!

— Já o-sei, minha filha.

— Como! Já sabeis que sou infeliz?

— E que há n'isso que vos-admire? Ainda que vós mesma não m'o-tivesseis dicto, já eu o-sabía, porque nada existe sôbre a terra que me-seja desconhecido.

— Será possível? — interrogou a moça com incredulidade,

— Eu vou provar-vo-lo. Nunca me-vis-tes, nunca nos-incontrámos?

-- Nunca.

— A ninguem haveis narrado a história da vossa vida?

— A ninguem.

— Pois escutae-a! Nascestes nas margens do Parahybuna, onde recebestes o nome de *Anaclea Gonçalves*. Aos 18 annos fugistes com um moço, que mataram em Jundiaby, por vossa causa.....

A moça estremeceu.

— D'allí viestes para esta terra, onde tomastes o nome de *Gabriella da Silva*. Pouco depois de vossa chegada contrahistes relações íntimas com certo moço, a quem magnetisastes com vossos incantos.

O vosso amante, desejoso de offerecer-vos riquezas eguaes ao seo amôr, accompanhou uma expedição commandada pelo Alferes João de Deus, que foi em demanda da célebre — *Botucavarú* — que é uma montanha incantada, mais rica de diamantes e metaes preciosos do que o mesmo Potosí. Infelizmente os expedicionarios não poderam chegar a esse morro incantado, onde dizem que há lages de ouro, que pesam cem arrobas; e depois de largas privações tiveram de voltar para seos lares. Durante tão longa ausencia, sem dúvida para vos-distrahirdes das saudades do amante, não lhe-guardastes escrupulosamente a fidelidade, que lhe-havieis promettido; e a sua vinda *suspirada* e inesperada causou-vos serios receios; mas tivestes bastante arte para persuadi-lo, de que era elle o auctor de certa doença, que vos-ia arredondando a delicada cintura. Desgraçadamente decorreram nove mezes contados desde a partida do moço, e ainda não tinha vindo á luz o fructo, cuja paternidade lhe-attribueis. Fez elle segunda viagem, na qual,

se-demorou 3 mezes, e voltando encontrou-vos com um filhinho de 2 mezes. O nosso recém-chegado teve desconfiança, e procurou indagar a verdade, a qual facilmente descobriu, porque, ainda que outras provas fallecessem, bastava olhar-se para a physionomia do menino, que é a cópia fiel do verdadeiro páe.

Calou-se a velha, fitando olhos de lince no semblante pallido e confuso da pobre moça.

Um raio de luz mais viva projectou do fogão da lareira, e illuminou as feições sublimes do rosto da prophetisa. Seos olhos coruscantes se-incontraram com os olhos amortecidos da infeliz rapariga, e com expressão deslumbradora calaram até a medulla dos ossos de *Anacleto Gonçalves*.

A esse olhar irresistivel, a moça cahiu de joelhos, e perguntou com voz desfallecida:

— Quem sois vós que ledes no passado com tanta segurança, e que com tamanha affoutesa perscrutais os mais reconditos segredos de uma desconhecida?

A feiticeira tomou uma attitudo grave e magestosa, e respondeu com emphase:

— Eu, sou eu!

— Mas vós nunca me-vistes, e agora mesmo este preto véo incobre aos vossos olhos o meo semblante.

— Que importa? Leio no passado como no futuro. Cercada de um exército infinito de seres invisiveis, que com uma palavra cabalistica espalho por todo o mundo, e que ao primeiro aceno de um conjuro tórno a reunir ao redor de mim; do centro d'esta humilde cabana, onde por gôsto habito, mais poderosa que os reis da terra, incomprehensivel como o destino, é como elle o meo poder illimitado.

A moça, trémula de susto, balbuciou convulsivamente.

— Então já vos não devem ser occultos os perigos de que acabo de escapar pela bondade do ceo?

— Dizei antes, pelo poder invisivel da velha inspirada, disse ella com voz medonha.

— Oh! perdoae! Não sabia que vos-interessaveis por uma desgraçada.

— Vélo sôbre todos os infelizes, que precisam, como vós, de minha protecção.

— Amparae-me, pois, senhora.

— Qual é o serviço que de mim exigís?

— N'este momento o meo amante, a quem tive a leviandade de trahir como sabeis, introu em minha caza, cego e furioso, com um punhal na mão, bradando, com voz ameaçadora como o trovão:

— É o dia da vingança!

— A minha fiel criada cahe a seos pés, invocando piedade; elle, no meio da escuridade, terrivel como o genio do exterminio, illuminado pela sêde de vingança, agarrando-a pelos cabellos, imbebeu em seu peito innocente o punhal, que cuidava interrar no meo. A minha infeliz creada soltou arquejando um brado de agonia, abafado por estas palavras de Astolfo, que soltava um riso estolido e satanico:

« — Morre! morre! que tambem mais
« cruelmente apunhalastes o meo peito,
« pois é mais agradavel a morte de um ins-
« tante, do que esta morte lenta com que
« me-tracteia a mais negra traição d'a-
« quella, que eu tanto amei, e por quem
« houvera de boa mente sacrificado a pro-
« pria vida; d'aquella que eu immolo á
« mais justa das vinganças, e cuja morte
« fará o lucto eterno da minha alma!.... »

— Elle se-interrompe! Acabrunhada pelo terror panico, que de mim se-apoderou, quiz fugir, mas vacillaram-me as pernas, e nem um passo pude tentar. — « Mas não! conti-

nuou elle com accento medonho e vibrante, ligando o fio de suas idéas; não! eu não carpirei a morte, que dou a esta infame; e para tornar-lhe ainda mais amargurados os ultimos momentos d'agonia; para repassar-lhe o coração das settas fúvenenadas, com que ella feriu o meo, primeiro expirará ante seos olhos o fructo do hediondo crime.» — Oh! então, quando vi ameaçada a existencia de meo filho... o amor natural ressuscitou-me a quasi extincta coragem, e apertando meo filho estreitamente ao coração, fugi por uma porta, que deita para o quintal, e vim ter a este asylo dos infelizes, aterrada, e sentindo a cada passo a ponta d'esse punhal, que de um golpe atravessava o fragil corpo de meo filho, e que se-me-imbebia no coração, gelado pelo sôpro da morte...

— Pobre moça! sois bem infeliz! — rousnou a velha apparentemente commovida.

— Mas vós vellais sôbre mim, e vós me-protegerêis de todos os perigos, que impendem sôbre minha cabeça?

— Não sei. O passado está passado, mas o presente está pejado d'infortunios, e ainda mais negras vejo as nuvens do porvir.

— Mas vós conjurarêis a tempestade, que rebrama, e ella passará por cima de minha cabeça sem offender-me.

— Estais enganada — disse a velha com voz sêcca. — Ella virá, e os seos tufões impetuosos vos-arrastarão infallivelmente aos abysmos da sepultura.

— Oh! não me-abandoneis por piedade! Preparae um de vossos phyltros magicos, que faça abrandar o coração de Astolfo, e olvidar o passado para sempre. Oh! tende compaixão do meo desespero!

— Pois bem: compadeço-me de vós, e quero salvar-vos; mas para conseguir esse

grande resultado, mister é um grande sacrificio.

— A tudo me-subjeito: exigí o que quizerdes, e sereis obedecida.

— Vêde bem o que prometteis — ponderou a feiticeira.

— Não hesito, senhora, em reiteirar a minha promessa.

— Jurais?

— Juro!

— Pois bem: tocae na minha mão para ratificardes o juramento.

A moça estendeu sua trémula dextra, que se-prendeu entre as descarnadas mãos da velha.

— Agora repetí o que eu dictar — disse esta.

— Estou prompta.

A velha tomou uma postura grave, e pronunciou a fórmula do terrivel juramento, que a moça foi machinalmente repetindo.

— « Juro, por todas as potestades invisiveis, pela pedra dos altares, pela hostia sagrada, e pelo sangue de Christo, juro tres vezes pela minha alma, de obedecer e fazer quanto me-fôr determinado pela *Prophetisa da Cabana*, que lê nos astros como em um livro aberto, e cujo poder é infinito e illimitado como o destino. Juro, se necessario for, renegar todos os dogmas da fé, e commetter todos os crimes, por mais repugnantes; e se eu quebrar o presente juramento, quer seja por fraquesa, quer por alguma outra causa, outorgo á *Prophetisa da Cabana* o direito de vida e morte sôbre a minha pessoa, e sôbre todos os meos descendentes até á 5.^a geração! »

A velha deixou cahir da sua a mão gelada da moça, e proseguiu:

— Agora podeis tranquillisar-vos. Amanhã iremos á *Caverna dos Infantes*, que fica em um sítio ermo e solitario; immo-

laremos vosso filho aos poderes invisíveis; e purificado ao depois com esse sacrificio, comporemos o phyltro especioso, que fará o vosso amante esquecer o passado, como se tivesse bebido todas as águas do Lethes, e amar-vos com esse extremo palpitar do coração, que todo se-submerge nas delicias incantadoras do primeiro amor.

— Que me-propondes?! — balbuciou Anacleta Gonçalves horrorizada. — Não! para conservar o amor d'elle, para garantir a minha propria existencia, eu não sacrificarei ao vosso deus cruel os dias de meo filho innocente!

— Lembrae-vos do vosso juramento — bradou a prophetisa furiosa.

— Oh! não, não! Piedade para meo filho!

— Insensata! vedes o abysmo que se-abre ante vós para tragar-vos? vedes o raio que estoira a vossos pés, e ousais quebrantar sacrilegamente o juramento sagrado, que há pouco pronunciastes! Pois bem! com quanto eu tenha sôbre vós o direito de vida e morte, não o-exercerei, porque o vosso amante me-dispensa d'essa tarefa.

— Que me-dizeis, senhora? interrogou a moça entre angústias.

— Digo-vos que o vosso amante logo suspeitará que aqui estais, porque a minha cabana é o asylo dos infelizes, e por isso depressa terá de bater-nos á porta, e eu não só o-deixarei intrar, como ainda consentirei, que elle exerça a mais justa de todas as vinganças.

— Oh! tende compaixão de uma infeliz! Vós haveis feito prodigios estupendos com os vossos phyltros miraculosos. Invoco todos os sentimentos ternos de vosso coração: salvae meo filho, se o vosso poder é tão irresistivel como o destino.

— O meo poder é illimitado; mas como

os mesmos deuses estão sujeitos ao destino, assim esse mesmo poder está tambem sujeito ás regras fixas e invariaveis, que o destino lhe-tem prescripto. Toda a magia dos meus phyltros perderia a sua efficacia, se Astolfo visse o vosso filho, o filho do crime, depois de haver tomado o phyltro magico de minha composição. Mas eu já não insisto, e nem me-importo comvosco, porque vós, e vosso filho sereis em breve dous cadaveres.

— Suspendei essa sentença horrivel!

A prophetisa da cabana já não a-escuta. Seos pensamentos voam pelas regiões ethereas; seos olhos alçados para o céu leem nos astros por entre as fendas do tecto de palha: deslumbrada pelo fogo sagrado da presciencia, ella exclama:

— Assim deve ser! cumpre que a sacrilega seja punida no mesmo lugar em que perjurou... Lá vem... Lá vem... lá se-approxima o mensageiro da vingança dos deuses... ei-lo que vai bater á porta...

Uma pancada estridente fez estremecer a pequena porta da cabana.

— Piedade! — exclamou Anacleta, precipitando-se de joelhos, alçando as mãos convulsas para o céu.

— É elle! — disse a feiticeira com um riso infernal, e sem attendê-la.

— Soccorrei-me! e meo filho... — disse a infeliz desfallecendo de angústias, sem poder concluir a phrase.

— É tarde! — respondeu a prophetisa inexoravelmente.

— Abri! — disse de fóra uma voz, medonha como o bramir da tempestade. Abri, que hoje é o dia da vingança!

— É elle... — balbuciou a desgraçada.

A prophetisa levantou-se, e deu um passo para a porta.

Anacleta segurou-a com todas as suas

fôrças, e disse-lhe meia viva e meia morta, apontando para o filho que dormia:

— Ahi o-tendes... sacrificae-o aos vossos deuses, mas salvae-me!

Pois bem: ides ver o podêr dos meos sortilegios.

A feiticeira pronunciou entre dentes algumas palavras cabalisticas.

No mesmo instante ouviu-se uma voz, que vinha do lado da porta.

A feiticeira fez aceno á moça, que escutasse.

— Ainda vos-perdoarei — dizia a voz — ainda vos-amarei com todo o fervôr, se o testemunho do vosso crime nunca mais se interpozer diante de meos olhos; mas se o vir ainda uma vez, uma só vez... ai d'elle, e ai de vós! Dou-vos esta noite.

A voz calou-se.

Ouviu-se a bulha de passos de pessoa, que se-retirava.

— Vêdes o magico ascendente do meo invisivel podêr? perguntou a feiticeira cheia de orgulho, voltando-se para Anacleta Gonçalves.

A moça deu um suspiro, e cahiu desfallecida juncto do filho.

Seguiu-se profundo silencio, apenas quebrado de quando em quando pelo inintelligivel sollóquio da velha, e pelos soluços abafados da moça.

As quatro horas da madrugada levantou-se a feiticeira, e approximando-se do logar onde jazia a moça quasi cadaver, disse-lhe com voz rispida:

— São horas: accompanhae-me.

— Para onde? — interrogou a moça estupefacta, como se essa voz a-revocasse á existencia.

— Para a *Caverna dos Infantes*.

— Tende piedade de meo filho!... — supplicou a mãe desolada, desatando dos

olhos uma torrente de lágrymas, e pondo-se de joelhos.

— Lembrae-vos que Astolfo ao retirar-se disse: *Dou-vos esta noite*.

— Sim: mas antes que amanheça, posso eu fugir com meo filho... oh! salvae-nos; salvae-nos!...

— Apenas eu retirar de vós a minha protecção, estais na mão de Astolfo, que bem de perto vos-vigia os passos. Não ha pois outro meio de salvação: cumpre resignar-vos. Accompanhae-me.

A moça, sem fazer mais objecções, levantou-se, e seguiu resolutamente.

(*Continúa*).

AS CONSEQUENCIAS DA INDISCRIPÇÃO.

A indiscrição de uma só pessoa produz muitas vezes a ruina de familias inteiras, semêa a discordia entre os amigos mais intimos, e é causa de se-cometterem os mais atrozes crimes. No tempo em que a maior parte das provincias do Brasil labrava em perfeita escuridão, n'esse tempo em que o feudalismo era o predominante do seculo, deu-se um facto, de que faço menção, além de outros que occultarei, porque não procuro acarretar odiosidades!!

Na provincia de... houve um senhor de ingenho, que occupando as primeiras posições na sociedade de.... tinha como hábito vir de seo ingenho alta noite á capital da mesma provincia, accompanhado de lacaios: buscava occultar os cavallo, e intrava embuçado em seo capote n'uma casa, onde existia um objecto de suas adorações: a deshonna d'este objecto concorria para manchar uma familia inteira, porque ainda n'aquelle tempo a honra era virtude, e ter virtude era o mesmo que ser feliz; ao passo que hoje honra, virtude, modestia, e outras qualidades que devem ornar a face de